

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB**

Zaira Carla Alves Gondim

Natal - RN  
2003.2  
2004

**ZÁIRA CARLA ALVES GONDIM**

**O BRASIL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: A ATUAÇÃO DA FEB**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Wicliffe de Andrade Costa.

Natal – RN

2004

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>04</b>
<b>1 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</b>	<b>07</b>
<b>1.1 Contexto mundial</b>	<b>07</b>
<b>1.2 Marcha para a guerra</b>	<b>12</b>
<b>1.3 O Brasil e a guerra</b>	<b>16</b>
<b>1.4 O Rio Grande do Norte e a guerra</b>	<b>22</b>
<b>2 AS TROPAS BRASILEIRAS NA ITÁLIA</b>	<b>26</b>
<b>2.1 A Força Expedicionária Brasileira</b>	<b>26</b>
<b>2.2 A preparação para o embarque</b>	<b>30</b>
<b>2.3 A campanha na Itália</b>	<b>32</b>
<b>3. O FIM DA GUERRA</b>	<b>39</b>
<b>3.1 A derrota do Eixo</b>	<b>39</b>
<b>3.2 O Retorno da FEB ao Brasil</b>	<b>40</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>42</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, por ser um conflito de grandes proporções e ter ocorrido na primeira metade do século XX, é alvo de muitos estudos. Estando o historiador, contemporâneo a mesma ou a seus efeitos, seu estudo é rico em análises e interpretações. O século XX, desde o início mostrou-se predisposto à guerra e viveu em função dela, “não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam”.<sup>1</sup>

Assim como a Primeira Guerra Mundial, que chocou o mundo pela mobilização das nações para o conflito armado, a Segunda Guerra Mundial chocou por ter mobilizado direta ou indiretamente um número maior de países e pela agressividade na defesa dos interesses envolvidos.

Segundo Hobsbawm, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial são um só conflito que durou 31 anos, “entre a declaração de guerra austríaca à Servia, a 28 de julho de 1914, e a rendição incondicional do Japão, a 14 de agosto de 1945”.<sup>2</sup> Ambas começaram essencialmente européias, ou seja, as disputas restringiam-se aos países europeus, mas envolveram países de outros continentes, até de além-mar como no caso da América. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha e serviram à metrópole no que lhes foi exigido. Acordos realizados entre os países acabaram por promover essa disseminação da guerra pelo mundo, isto não quer dizer que os campos de batalhas tenham-se disseminado e todos os países viram e ouviram o terror da guerra, mas envolveram-se enviando contingentes à Europa, que foi o principal palco das sangrentas batalhas e dos destruidores bombardeios.

Esta guerra “marcou profundamente todos os povos, todos os grupos e classes sociais, não apenas pelas modificações que produziu mas também pela reelaboração de valores que provocou”.<sup>3</sup>

A situação interna e externa dos países europeus, desde fim da Primeira Guerra

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> VIGEVANI, Tullio. *Origens e desenvolvimento da Segunda Guerra: considerações sobre a querela dos historiadores*. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã USP, 1995. p. 16.

Mundial, contribuiu para a eclosão do conflito, uma vez que “as contradições econômicas, sociais e ideológicas entre os principais países capitalistas conduziram à corrida armamentista e às guerras localizadas que precederam os dois grandes conflitos”.<sup>4</sup>

As causas deste segundo conflito foram margeadas pela ascensão dos regimes autoritários – fascismo e nazismo – que através de sua ideologia impôs o imperialismo dos países do Eixo sobre a Europa, assim como sobre a Ásia, no caso do Japão. O caráter imperialista da Segunda Guerra Mundial pode ser percebido pelas inúmeras invasões agressivas da Alemanha e Itália a outros países europeus.

A Segunda Guerra Mundial foi basicamente um confronto entre França e Inglaterra, velhas potências imperialistas, e países como Alemanha, Itália e Japão, de desenvolvimento capitalista mais recente, que só a partir dos fins do século XIX iniciaram sua expansão colonial e imperialista”.<sup>5</sup>

Para a compreensão do que foi e o que significou a Segunda Guerra Mundial se faz necessário uma abordagem do contexto em que a mesma eclodiu. A situação interna e externa dos países europeus envolvidos e toda a gama de tratados e acordos que garantiram a formação dos dois grupos beligerantes e seu desfecho. Os países envolvidos diretamente no conflito formaram dois blocos distintos: o grupo dos Aliados (Grã-Bretanha, França, Estados Unidos e URSS) e os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Como na Primeira Guerra, os alemães viram-se diante de uma guerra em duas frentes: Ocidental e Oriental. Dominando a primeira, a Alemanha se voltou para a frente Oriental, visualizando na URSS um grande potencial de recursos e trabalho escravo. Se outrora a URSS fora sua aliada, agora era alvo do imperialismo alemão, cujo plano era invadir e ocupar o espaço soviético em apenas três semanas. Porém, Hitler subestimou a capacidade de defesa soviética e deste ponto em diante fica claro que a Alemanha estava fadada à derrota.

Após 1941, a entrada dos Estados Unidos e da União Soviética na guerra terminou por decidir os resultados do conflito. Este conflito enfraqueceu as potências europeias, o que possibilitou às nações periféricas do sistema capitalista internacional liquidar a dominação colonial-imperialista.

---

<sup>4</sup> MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 167.

<sup>5</sup> CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira de. Introdução: a Segunda Guerra Mundial. In: MENDES Jr., Antônio; MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História: texto e consulta*. São Paulo: Hucitec, 1989. v. 4, p. 165.

Devido ao seu caráter mundial por ter envolvido vários países dos demais continentes, se faz necessário uma análise sobre a participação do Brasil neste conflito. Sabe-se que durante a Primeira Guerra Mundial a participação brasileira foi indireta, apenas nos bastidores, abastecendo os países beligerantes de matérias-primas. Já na Segunda Guerra Mundial, o Brasil teve uma participação mais ativa.

A participação brasileira no segundo conflito mundial ocorreu de três formas, a primeira autorizando a utilização de bases militares no Nordeste brasileiro, a segunda patrulhamento da costa do Atlântico Sul e a terceira com a criação e envio da FEB – Força Expedicionária Brasileira – para as frentes de batalha na Itália. O processo de criação da FEB, as dificuldades enfrentadas, o envio de suas tropas para a Itália, sua atuação ao lado do V Exército americano e seu retorno ao Brasil estão expostas neste trabalho.

## 1. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

### 1.1 Contexto mundial

A Segunda Guerra Mundial apresenta em seu bojo os regimes fascistas, presentes na Europa a partir da década de 1920. Sua relação com a Guerra explica-se através de uma doutrina nacionalista, que evoca os sentimentos da população como a “exaltação da aventura, predispõe os espíritos a desejar a guerra”.<sup>6</sup> Os governos fascistas prepararam-se para a guerra, ordenando sua economia em função da estratégia, com a adoção de uma política externa de agressão aos países vizinhos. “O fascismo precisa da guerra, é uma necessidade doutrinal, passional, sentimental e, por fim, de política interna”.<sup>7</sup>

O fascismo traz em sua ideologia conceitos e procedimentos que naturalmente dissemina a idéia da guerra. Inicialmente o fascismo rejeita totalmente a sociedade liberal do século XIX, inspirada pela “filosofia das luzes”. Ele não crê que os homens sejam iguais, nem que o homem seja naturalmente bom. Condena os filósofos iluministas e o positivismo, o que gera algumas rejeições, como: rejeição da democracia, do individualismo, da sociedade liberal, do culto à razão, combate o socialismo marxista e censura a liberdade econômica.

Dentro da doutrina fascista existem alguns elementos que a compõe e que permitem uma relação com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. O fascismo promove um nacionalismo exacerbado: a nação é considerada sagrada, devendo haver em seu seio uma tripla coesão interna entre a política, a sociedade e a etnia. A nação deve ser pura e para purificá-la o fascismo é xenófobo, racista e anti-semita.

Para a doutrina fascista o Estado deve ser forte e autoritário fazendo prevalecer o interesse coletivo sobre os dos indivíduos, para conseguir este objetivo, é necessário a instituição de uma ditadura que deve encarnar a figura de um chefe, considerado guia e salvador da nação, erguido da massa pelo impulso da sua personalidade, sua palavra é lei e também a verdade. Para disseminar a figura do chefe é instituído um ritual, um culto ao chefe com uma saudação específica levantando-se o braço. A propaganda tem um papel fundamental na divulgação e sustentação de toda ideologia fascista, repetindo infatigavelmente os mesmos temas.

---

<sup>6</sup> RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 105.

<sup>7</sup> *Ibid.* p. 105.

O partido único serve de intermediário entre o chefe e o povo. A sociedade regida pelo fascismo é hierarquizada; uns comandam, os outros crêem, mas o poder vem sempre de cima. A sujeição da população é justificada pelo fascismo com a defesa nacional e com a vontade mais justa; “é isto o socialismo nacional, considerado a melhor arma contra o comunismo. É necessário ultrapassar a luta de classes e substituí-la pela sua cooperação”.<sup>8</sup> Para promover o socialismo nacional, a economia é corporativa, as forças de produção são associadas.

Este conjunto de medidas deve permitir a formação e desenvolvimento de um tipo de homem novo, que deve ser viril, apto para o comando, duro para si e para os outros, cujas qualidades dominantes serão a coragem, o espírito de disciplina, o sentido da solidariedade.

Para compreensão da relação entre o fascismo e a Segunda Guerra é necessário compreender sua íntima ligação com o imperialismo, já que o fascismo “contém em si a guerra”.<sup>9</sup> O fascismo exalta a aventura, o soldado, a luta e para concretizar seus interesses “o nacionalismo fascista é altivo e ambicioso; não há fronteira que não pretenda violar; há sempre um tratado qualquer que quer rever e algum território que pretende recuperar [...]”.<sup>10</sup>

O imperialismo capitalista esteve presente na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, que “podem ser definidas como guerras ‘de revisão’ de mercados e colônias, no interior do sistema capitalista”.<sup>11</sup>

Neste contexto, a Alemanha e a Itália nunca se conformaram por não fazerem parte dos países europeus que possuíam colônias em outros continentes. A Primeira Guerra Mundial foi o ponto máximo de contestação, pela Alemanha, desta sua exclusão do grupo imperialista. Mas o imperialismo não esteve presente apenas no primeiro conflito mundial. Pertencente as características do fascismo, o imperialismo alemão e italiano foi levado à

---

<sup>8</sup> MICHEL, Henri. As rejeições e as afirmações do fascismo. In: MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 139. O fascismo embora adotasse o “socialismo nacional” (grifo meu) era contrário ao comunismo e ao socialismo marxista, porém deturpou muitos preceitos marxistas para legitimar seu socialismo nacional. O próprio Mussolini fez uso de muitos estudos sobre o socialismo marxista para adequá-lo aos seus interesses, reinterpretando-o.

<sup>9</sup> Ibid. p. 138.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. p. 167.



inevitável luta armada contra os países, que sentiram-se ameaçados pelo expansionismo nazi-fascista.

Iniciado no final do século XIX, o movimento imperialista levou os países capitalistas europeus a buscarem colônias em outros continentes, com o intuito de estabelecer relações econômicas que satisfizessem seus interesses. Como na Segunda metade do século XIX, a Alemanha e a Itália estavam em processo de unificação interna não participaram deste movimento, ao voltarem-se para questões externas, o mundo já havia sido repartido entre as nações capitalistas, não sobrando muita coisa para ambas.

Neste movimento imperialista econômico admite-se que estiveram também em jogo influências políticas, militares e ideológicas. O imperialismo não possui apenas sua face econômica, que busca mercados consumidores e fornecedores de matéria-prima para as indústrias dos países imperialistas.

Há também o imperialismo não-econômico, sobre o qual Schumpeter, em seu ensaio *A sociologia do imperialismo*, lembrado por Harry Magdoff<sup>12</sup>, afirma seu caráter bélico, sobrepondo-se a questões econômicas, afirmando que na raiz do imperialismo existe “uma tendência persistente para a guerra e a conquista, amiúde dando origem a uma expansão irracional [...]”, que “a mentalidade e os interesses de classes guerreiras sobrevivem [...] e influenciam os fatos, mesmo depois de desaparecida a necessidade vital de guerras e conquistas” e que “a tendência para a guerra e conquista é mantida e condicionada pelos interesses internos das classes dominantes [...]”.<sup>13</sup> É neste ponto que percebe-se a grande aproximação entre o imperialismo e os regimes fascistas. O imperialismo também é muito útil à causa fascista “para atender a outras necessidades, particularmente aquelas de controle social”.<sup>14</sup>

Apesar de derrotados, os alemães foram favorecidos na Segunda Guerra Mundial, devido à experiência devastadora da Primeira Guerra vivida pela França e Inglaterra principalmente. “Os banhos de sangue de 1914-18 não seriam mais tolerados pelos eleitores”.<sup>15</sup> A curto prazo isto ajudou os alemães a ganhar a Segunda Guerra no Ocidente em 1940,

<sup>12</sup> MAGDOFF, Harry. O Imperialismo e suas interpretações. In. MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio, FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. p. 92.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> HOBSBAWM, Eric J. Movimento operário e imperialismo Movimento. Ibid. p. 98.

<sup>15</sup> Id. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. p. 34.

contra uma França empenhada em agachar-se por trás de suas fortificações incompletas e uma vez rompidas estas, simplesmente não querendo continuar a luta; e uma Grã-Bretanha desesperada por evitar meter-se no tipo de guerra terrestre maciça que dizimara seu povo em 1914-18.<sup>16</sup>

Deste modo podemos perceber o motivo da pouca resistência encontrada por Hitler na início da Segunda Guerra frente à Europa Ocidental. Em 1940 a França foi atropelada com facilidade e rapidez pelos alemães, cuja força era inferior, e aceitou sem hesitação a subordinação a Hitler, isto “porque o país havia sangrado até quase a morte em 1914-18”.<sup>17</sup> Perante a Grã-Bretanha, a reação foi idêntica, pois esta jamais se recuperou desde o fim da Primeira Guerra, quando arruinara sua economia travando uma guerra que foi muito além de seus recursos.

Assim fica clara a facilidade com que Hitler dominou a Europa Ocidental, quebrando diversas cláusulas do Tratado de Versalhes<sup>18</sup>, que impôs uma paz punitiva à Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, justificada pelo argumento de que o Estado era o único responsável pela guerra e todas as suas conseqüências. O objetivo era manter a Alemanha permanentemente enfraquecida. Além de alguns ajustes nas fronteiras alemãs, essa paz punitiva foi assegurada, privando-se a Alemanha de uma marinha e uma força aérea efetivas, limitando-se seu exército, além de sanções econômicas e territoriais. Apesar de todas as medidas restritivas previstas neste tratado, ele não podia ser a base de uma paz estável, pois a Europa ainda encontrava-se muito fragilizada com os efeitos da Primeira Guerra Mundial.

A situação mundial criada pelo primeiro conflito era instável, sobretudo na Europa, mas também no Oriente e não se esperava que a paz durasse muito. A insatisfação como o *status quo* não se restringia aos Estados derrotados, embora estes principalmente a Alemanha, sentissem que tinham bastantes motivos para ressentimento. “Todo partido na Alemanha, da esquerda à direita combinavam-se na condenação do Tratado de Versalhes como injusto e inaceitável”.<sup>19</sup> Como a insatisfação atingia também países do lado vencedor

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos*. p. 34.

<sup>17</sup> *Ibid.* p. 38.

<sup>18</sup> Tratado de Versalhes, ver MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Textos e documentos para o estudo da história contemporânea: 1789-1963*. São Paulo: HUCUTEC-USP, 1977. p. 166-170.

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op cit.* p. 43.

do primeiro conflito, o Japão e a Itália sentiam-se insatisfeitos. Os japoneses possuíam apetites imperiais que excediam o poder de seu Estado independente. E a Itália saíra da guerra com consideráveis ganhos territoriais, “contudo o triunfo do fascismo, um movimento contra-revolucionário e, portanto, ultranacionalista e imperialista”<sup>20</sup> sublinhou a insatisfação italiana. Em ambos podemos perceber o forte caráter imperialista de seus interesses e o desejo de concretizá-los.

Como efeito da Primeira Guerra e causa da Segunda, é importante ressaltar a crise econômica em meados da década de 20, que abalou vários países e levou ao poder, na Alemanha e no Japão, as forças políticas do militarismo e da extrema direita – os regimes totalitários. O que causou concretamente a Segunda Guerra Mundial foi a agressão pelas três potências descontentes, ligadas por vários tratados, aos territórios de outros países. Daí segue-se as invasões da Manchúria pelo Japão (1931), da Etiópia pelos italianos (1935) a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola em 1936-1939<sup>21</sup>, a invasão alemã da Áustria no início de 1938, a ocupação da Tchecoslováquia em 1939 e as exigências alemãs à Polônia.

Todo este avanço do Eixo (Berlim-Roma-Tóquio) é justificado pela

não-ação da Liga [das Nações] contra o Japão; a não-tomada de medidas efetivas contra a Itália em 1935; a não-reação da Grã-Bretanha e França à denúncia unilateral do Tratado de Versalhes, e notadamente à reocupação da Renânia em 1936; a recusa da Grã-Bretanha e da França em intervir na Guerra Civil Espanhola; a não-reação destas à ocupação da Áustria; o recuo delas diante da chantagem alemã sobre a Tchecoslováquia (Acordo de Munique – 1938) e a recusa da URSS a continuar opondo-se a Hitler em 1939<sup>22</sup>.

Desta forma, não só o avanço, a agressão militar do Eixo, mas também o estado de conivência ou impotência da Grã-Bretanha e França contribuíram para que a guerra tomasse as proporções a que chegou.

<sup>20</sup> HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. p. 44

<sup>21</sup> A Guerra Espanhola, iniciada em 1936, como uma guerra civil, perpassa ao cenário externo como o ensaio da Segunda Guerra Mundial, como o primeiro teatro em que vão defrontar-se os blocos contrários. A Alemanha aproveitou para experimentar seu material e exercitar seus especialistas. A Guerra Espanhola terminou em março de 1939 com o triunfo dos nacionalistas. O general Franco assumiu o poder e adotou um regime autoritário nos moldes fascistas.

<sup>22</sup> *Ibid.* p. 45.

A Segunda Guerra começou, em 1939 como um conflito puramente europeu, da Alemanha contra a Grã-Bretanha e a França. Em 1940, a Alemanha marchou sobre vários países da Europa Central e ocupou com facilidade grande parte da França, concentrando suas forças contra a Grã-Bretanha, que ficou isolada e sozinha na guerra. A Itália passou para o lado alemão.

Enquanto isto a guerra tornou-se de fato global. O triunfo de Hitler na Europa deixou um vácuo imperial parcial no Sudeste Asiático, no qual o Japão então entrou. Os Estados Unidos encararam essa extensão do poder do Eixo no Sudeste Asiático como intolerável e aplicaram severa pressão econômica sobre o Japão, cujo comércio e abastecimento dependiam inteiramente das comunicações marítimas. Foi esse conflito que levou à guerra entre os dois países. O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, tornou a guerra mundial.

A Segunda Guerra Mundial foi, portanto, travada até o fim, sem idéias sérias de acordo em nenhum dos lados, com exceção da Itália, que trocou de lado e regime político em 1943 e não foi inteiramente tratada como território ocupado, mas como um país derrotado com um governo reconhecido. Sendo uma guerra de ideologias foi travada até as últimas conseqüências.

## 1.2 A marcha para a guerra

A Segunda Guerra não advém de uma causa única, assim como a Primeira, ela é resultado de vários fatores cujos efeitos são cumulativos. Após a Primeira Guerra Mundial e durante o período compreendido entre 1919 e 1930 a configuração diplomática da Europa distinguia-se em dois campos que se opunham: “o dos vencedores, potências satisfeitas, empenhadas na aplicação literal das cláusulas dos tratados [...] e o campo revisionista, dos que desejam uma revisão parcial ou total dos tratados: os países vencidos”.<sup>23</sup> Duas questões dominaram a conjuntura internacional deste período. Até 1928 a pauta das conferências internacionais girava em torno da questão das reparações, as quais os países vencedores achavam-se no direito de receber por parte da Alemanha, constituindo-se nas indenizações pelas perdas da guerra. A partir de 1928, o interesse

---

<sup>23</sup> RÉMOND, René. O século XX. p. 108.

transferiu-se para a questão do desarmamento das potências agressoras que causaram a Primeira Guerra Mundial.

A crise econômica que abalou os países capitalistas após o primeiro conflito mundial revelou uma crise da democracia e auxiliou à ascensão dos regimes autoritários em muitos países da Europa. Esta crise econômica levou os países europeus a fecharem suas economias dentro de seus próprios limites, gerando um nacionalismo econômico que beneficiou os nacionalismos políticos e militares.

Os regimes autoritários encontraram respaldo na ambição coletiva, na vontade de hegemonia, principalmente na Alemanha, que iniciou a construção do regime nazista em 30 de janeiro de 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, nomeado chanceler pelo presidente Hindenburg. Como é percebido, Hitler chegou ao poder pelas vias legais, não havendo golpe de força, assim como Mussolini na Itália.

A marcha para a Segunda Guerra Mundial, iniciada com instalação do regime autoritário na Alemanha, seguiu as medidas políticas sociais e econômicas tomadas por Hitler, que modificaram a situação interna e externa da Alemanha. Dentre estas medidas estavam: a dissolução dos partidos; dos sindicatos; supressão das liberdades; geração de empregos; precipitação do rearmamento, contrariando o Tratado de Versalhes e a retirada da Alemanha da Conferência do Desarmamento, o que marcou uma etapa decisiva no agravamento da situação internacional.

Em março de 1935, Hitler anunciou a reconstituição da aviação militar da Alemanha e restabeleceu o serviço militar obrigatório, dispondo de material bélico mais moderno. “Essa máquina de guerra está a serviço de uma política de conquistas e de aumento territorial, que provocará uma série de crises, que culminam em 1939 com a entrada das tropas alemãs na Polônia”.<sup>24</sup>

As crises internacionais desencadeadas pela ação alemã sobre a Europa, iniciaram-se com a simples reassociação ao Reich das minorias de mesma língua e mesma raça, destacadas da Alemanha e espalhadas por estados vizinhos, que compreendiam minorias de língua ou raça germânica: a Áustria, a Tchecoslováquia, a Polônia e a própria França, por causa da Alsácia.

Em 1935, formou-se o eixo Roma-Berlim, com a aproximação entre a Itália e a Alemanha. Neste mesmo ano, Mussolini realizou sua investida contra a Etiópia, Estado

<sup>24</sup> RÉMOND, René. O século XX. p. 110

também pertencente à Sociedade das Nações. Esta agressão contra um membro da Sociedade das Nações foi reprovada pela Inglaterra, porém a França mostrou-se dividida e apesar das sanções empregadas contra a Itália, esta dominou o território da Etiópia e aproximou-se ainda mais da Alemanha. Com esta maior aproximação, a Alemanha sentiu-se encorajada a agir, tendo em vista a impotência demonstrada pelos outros países, frente ao caso da Etiópia.

Hitler já não demonstrava temor frente às democracias ocidentais e desconsiderou o Tratado de Versalhes quando atravessou o rio Reno e instalou-se nas cidades de Palatinado e da Renânia. “É um acontecimento grave, que coloca o governo francês diante de um sério dilema: aceitar ou reagir”.<sup>25</sup> Como a França mostrou-se confusa, perdeu a confiança e o prestígio diante de Estados aliados como a Polônia e a Bélgica que viram-se sem a proteção da França, e sozinhos tentaram contornar a situação: a Polônia empenhou-se numa política de acordo com a Alemanha e a Bélgica adotou uma postura de neutralidade.

Os avanços da Alemanha sobre a Europa foram respondidos pela Inglaterra e França com a política de apaziguamento, “caracterizada pela omissão diante da agressão. Aparentemente, o objetivo de tal política era o de evitar o confronto direto com o nazifascismo, mas o recrudescimento do militarismo tornou inevitável o conflito”.<sup>26</sup>

Com a Guerra Civil Espanhola, que eleva ao poder um regime autoritário, a França se viu cercada por três regimes autoritários Espanha, Itália e Alemanha, unidos por laços de solidariedade e gratidão. A guerra espanhola, que serviu de ensaio para a Segunda Guerra, contribuiu para que o bloco totalitário saísse reforçado da mesma e as democracias enfraquecidas e desacreditadas.

Enquanto se processava a Guerra Civil Espanhola, Hitler retomou as ofensivas e contou com o apoio italiano. Neste momento, o rearmamento alemão fez grandes progressos e o isolacionismo americano asseguravam a Hitler o êxito em suas conquistas. Esta política isolacionista praticada pelos Estados Unidos no início da Segunda Guerra Mundial foi assegurada em 1937 pelo Congresso americano ao votar leis de neutralidade, segundo as quais suspenderiam relações comerciais com os países beligerantes.

---

<sup>25</sup> RÉMOND, René, O século XX. p. 114

<sup>26</sup> MARQUES, Ademar, BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. p. 167.

Em fevereiro de 1938 a Áustria foi novamente atacada e, através de uma manobra política, Hitler conseguiu anexá-la à Alemanha um mês depois. Para contento de Hitler e desespero dos Estados europeus, nada foi feito para impedi-lo.

Ainda dentro de seus planos de agregar todas as minorias germânicas espalhadas pela Europa, Hitler voltou-se para a Tchecoslováquia, que possuía um dos Estados mais sólidos da Europa no qual as instituições democráticas funcionavam corretamente, e possuía uma economia ativa. Porém, seu ponto fraco era a multinacionalidade, associando os tchecos e os eslovacos, estas duas majoritárias, e várias minorias étnicas, entre elas três milhões de alemãs nas montanhas dos Sudetos. Para atingir seus objetivos, Hitler promoveu manobras políticas para desagregar internamente a Tchecoslováquia, servindo-se da minoria alemã e externamente isolá-la dos aliados, objetivo este alcançado em setembro de 1938, com o despedaçamento da Tchecoslováquia.

A França e a Grã-Bretanha continuaram indecisas e divididas, assim como a opinião pública ocidental incertas em relação às intenções de Hitler. "Parte imagina que ele não deseja outra coisa, senão a volta à mãe-pátria dos irmãos de raça e julga-o sincero, quando assegura que não terá mais nenhuma reivindicação para fazer".<sup>27</sup> Neste ponto questionou-se se valeria a pena arriscar a paz e optar pela guerra.

A Conferência de Munique, proposta por Mussolini, realizou-se nos dias 29 e 30 de setembro de 1938 e reuniu os chefes de governo dos quatro Estados: Alemanha, Itália, França e Grã-Bretanha. A União Soviética foi mantida fora da conferência, o que gerou um descontentamento por parte desta em relação aos países ocidentais. Nesta conferência Hitler conseguiu praticamente tudo que exigiu, a França e a Inglaterra mostraram-se fracas e incapazes de entender-se, o que desanimou seus aliados.

Em 15 de março de 1939, contrariando os compromissos firmados durante a Conferência de Munique, Hitler fez da Eslováquia um satélite da grande Alemanha, que reunia agora a Alemanha, a Áustria e a Boêmia. Mussolini também deu continuidade à sua política de expansão, invadindo a Albânia.

Para concluir seu domínio sobre a Europa Central, Hitler concentrou-se na Polônia, que estava decidida a defender-se mesmo sozinha, mas encontrou o apoio da França e da Grã-Bretanha, que, conscientes das verdadeiras intenções de Hitler, ofereceram garantias à Polônia, Romênia e Grécia. Para garantir este apoio prometido, as democracias

---

<sup>27</sup> MARQUES, Ademar, BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. p. 118.

ocidentais precisavam do apoio da União Soviética, para que esta lutasse na frente oriental. Enviaram uma missão militar para acertar o acordo, porém o governo soviético fizera, paralelamente, negociações com a Alemanha, que culminaram na assinatura de um pacto germânico-soviético. Tal acordo previa que a União Soviética receberia sua parte da Polônia dividida, aproveitando em seguida para anexar os Estados Bálticos, reconquistar a Bessarábia e declarar guerra à Finlândia.

No dia 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia. Dois dias depois a França e a Grã-Bretanha, cumprido sua palavra, entraram na guerra. Começava a Segunda Guerra Mundial, que durou quase seis anos, até abril de 1945.

### **1.3 Política externa e a entrada do Brasil no conflito.**

No início da década de 1930 ocorreu, no Brasil, a revolução que elevou ao poder Getúlio Dorneles Vargas. A princípio, seu governo provisório teve por objetivo garantir a segurança nacional e consolidá-lo no poder. Com a crescente oposição comunista, que culminou na insurreição de novembro de 1935, Getúlio percebeu a oportunidade de manter-se indefinidamente no poder. Ocorreu em 1937 o golpe do Estado Novo com o pretexto de livrar o Brasil da ameaça comunista. O Estado Novo era um regime ditatorial, que contava com o apoio do povo e sustentação das Forças Armadas. Em sua política externa, o Brasil desfrutava de um bom relacionamento diplomático com vários países.

Em seu quadro geral o Brasil, na década de 1930, apresentava uma economia agrária, possuindo uma pecuária inexpressiva e grande importador dos mais variados produtos, principalmente os manufaturados.

Nas forças armadas, o Brasil possuía uma Marinha de Guerra que limitava-se, quase exclusivamente “aos velhos e obsoletos encouraçados ‘Minas’ e ‘São Paulo’ e a Aeronáutica, ainda vinculada às forças de terra e mar, mal começava a nascer”.<sup>28</sup> Desde o início da década de 20, o Exército brasileiro recebia uma operosa Missão Militar Francesa, que montara, no Exército, o sistema de ensino militar. “A organização, os regulamentos, os processos de combate, a doutrina, afinal, era francesa, fortemente impregnada de conceitos

---

<sup>28</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995. p. 17



defensivos”.<sup>29</sup> O armamento era de diferentes procedências, os canhões eram alemães e franceses, Krupp ou Schneider 75, “quase tudo viera da Europa, sovado na guerra de 1918”.<sup>30</sup>

Ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial, o Brasil adotou uma frágil política de neutralidade, na qual o governo brasileiro não demonstrava intenções de definir um posicionamento firme “no jogo da balança que chegou a pender para o lado germânico”.<sup>31</sup> O próprio Chefe de Estado era tido como germanófilo (simpatizante da Alemanha).

Existem inúmeras análises que relacionam o governo Vargas com o regime nazi-fascista europeu, principalmente após o Golpe do Estado Novo. As relações entre estes regimes, baseiam-se no caráter anti-comunista, anti-semítico e anti-democrático do governo Vargas. Além destas características, a aproximação do governo Vargas com o Führer alemão e com o Duce italiano tem acirrado as discussões sobre a entrada do Brasil na Guerra ao lado dos chamados Aliados, que além de ostentarem regimes politicamente distantes do varguismo, aliaram-se aos clássicos inimigos do governo brasileiro, os comunistas, na figura da URSS.

A polêmica e as contradições estão presentes nesta temática. São conhecidos os debates sobre a participação do Brasil na Guerra que abrangem desde as motivações para a entrada do país no conflito, com o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, até a importância desta participação para o resultado da guerra.

Desde 1933 a diplomacia americana adotou uma postura de substituição da antiga doutrina de Monroe pela cooperação, nos mesmos propósitos de defesa e auxílio recíproco das Repúblicas do continente.

Apesar dos inúmeros acordos assinados entre o Brasil e as nações americanas, por ocasião de conferências, esta posição de neutralidade começou a mudar após o ataque à base norte-americana de Pearl Harbor, no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, “cuja arma aérea e pequenos submersíveis japoneses destruíram subitamente a força de que dispunham, em operações no Pacífico, os Estados Unidos”.<sup>32</sup> No dia seguinte o governo brasileiro manifestou seu repúdio a tal ataque, solidarizando-se com os Estados Unidos.

---

<sup>29</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995. p. 17

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial*. Natal: EDUFRRN, 2001. p. 89

<sup>32</sup> CALMON, Pedro. *História do Brasil: Século XX*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo, 1981. v. 6. p. 2318.

O ataque a Pearl Harbor provocou a Terceira Reunião de Consultas dos Ministros das Relações Exteriores das nações americanas em 15 de janeiro de 1942, presidindo-a o chanceler Oswaldo Aranha. Em decorrência das conclusões desta reunião e atendendo às recomendações do chanceler Oswaldo Aranha, em 28 de janeiro, o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Japão e conseqüentemente com a Alemanha e a Itália.

Esta atitude de apoiar as nações aliadas rendeu ao Brasil manifestações de retaliação por parte do Eixo. O Oceano Atlântico tornou-se área de fácil penetração pelos submarinos alemães e italianos, que iniciaram uma série de ataques aos navios da frota de cabotagem da Marinha Mercante Brasileira. Entre os anos de 1941 e 1943, 32 navios foram torpedeados, deixando um saldo de 937 mortos e desaparecidos, entre militares e civis. (Anexo 1).

Os ataques à frota mercante mobilizaram a população brasileira que saiu às ruas, exigindo providências por parte do governo. “O povo exigiu a guerra, [...] pediu-a em caudalosas manifestações; obteve-a, sem mais dificuldades”<sup>33</sup>.

Em agosto de 1942, sob o pretexto do afundamento de navios, o Brasil declarou guerra ao Eixo, episódio este que levaria à montagem da Campanha da Itália da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que enviou à Europa 25.334 soldados. O Brasil não foi o único país, na América Latina, a demorar em suas decisões a favor dos Aliados – o México em maio de 1942, o Chile em janeiro de 1943 e a Argentina, janeiro de 1944. Este atraso na decisão de alguns países latinos é atribuído às expectativas que os mesmos, sob a égide de regimes autoritários, alimentavam neste momento pela confirmação das transformações internacionais no que abrange os laços de dependência que os ligavam a outras nações. Iniciou-se aqui a lenta passagem do domínio britânico sobre estes países para a esfera de influência norte-americana. Neste sentido podemos afirmar que devido às pressões norte-americanas os países latino-americanos romperam as relações com o Eixo.

Para a evolução do comportamento brasileiro diante da Segunda Guerra Mundial, sabemos que “[...] Vargas adotou uma posição de neutralidade, apesar de sua afinidade ideológica com um dos lados. O Estado Novo se inspira no fascismo.”<sup>34</sup>

Porém esta situação se inverte:

<sup>33</sup> CALMON, Pedro. *História do Brasil: Século XX*. p. 2322

<sup>34</sup> CAMARGO, Cláudio apud AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. p. 179

Em julho de 1940, em meio a demonstrações de simpatia de Vargas para com o Eixo e aos rumores de que o Brasil poderia obter apoio da empresa alemã Krupp para construir uma siderúrgica, os EUA anunciaram a concessão de um crédito de US\$ 20 milhões para financiar o projeto. Em 1941, o governo brasileiro permitiu a instalação de bases norte-americanas no nordeste do país e no ano seguinte, com o torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães, Vargas declarou guerra ao eixo. O primeiro contingente brasileiro embarcou em julho de 1944.<sup>35</sup>

Para os Estados Unidos, o posicionamento de neutralidade era impensável num país de importância estratégica como o Brasil.

A realização da conferência no Rio de Janeiro, em 1942, que reuniu representantes de 21 repúblicas americanas, pôs fim às preocupações norte-americanas em relação ao Brasil. Esta conferência recomendou a ruptura diplomática com a Alemanha, Itália e Japão, reconheceu unanimemente que a agressão cometida contra os Estados Unidos constituía um ato de agressão contra todas as demais repúblicas americanas, recomendou ruptura de todas as relações comerciais e financeiras, diretas ou indiretas, enquanto durasse a guerra, além de rígido controle nos meios de comunicação e fiscalização das atividades dos nativos do Eixo.

Em conselho ministerial, realizado a 27 de dezembro, o titular da pasta da Guerra, general Eurico Dutra, leu extenso voto contrário à decisão de romper relações diplomáticas com o Eixo, considerando tal atitude uma precipitação, por não disporem as Forças Armadas de recursos necessários para responder aos prováveis efeitos daquele gesto. “Temia sobretudo, e com razão pela navegação mercante, à mercê dos corsários alemães.”<sup>36</sup> [grifo do autor]. Este rompimento “foi – nem podia deixar de ser – a segunda etapa na marcha para a guerra. A primeira, consubstanciara-se no acordo sobre as bases...”<sup>37</sup>

Desde a realização da Conferência do Rio de Janeiro até o envio de efetivos para a Europa passaram-se quase dois anos. Além disto, exceto o México e o Brasil, os demais países da América Latina não enviaram efetivos para as frentes de guerra. Na realidade existiram, em relação às nações americanas, formas diferenciadas de participação na guerra.

<sup>35</sup> CAMARGO, Cláudio apud AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. p. 179.

<sup>36</sup> CALMON, Pedro. *História do Brasil*. p. 2320.

<sup>37</sup> *Ibid.*

A primeira forma de participação foram os trabalhos de expansão das bases aéreas e navais em vários pontos estratégicos, como na região do Canal do Panamá e no nordeste brasileiro, temendo-se uma invasão por parte do Eixo. No caso do Brasil, foi construído pelos Estados Unidos um aeroporto em Natal. Por ser o ponto extremo da região a cidade foi escolhida para sediar toda operação. Para tanto,

Os Estados Unidos concederam um empréstimo de US\$ 25 milhões para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e ficou famoso o passeio de Jeep, ocorrido em 1943, entre Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt, em Natal. Os registros mostram dois presidentes risonhos que pareciam amigos fraternais. Tudo parte de uma estratégia norte-americana de defesa do hemisfério ocidental.<sup>38</sup>

Nesta reunião, realizada em 28 de janeiro de 1943, em Natal, o governo brasileiro decidiu enviar tropas para o exterior, onde, ao lado dos países aliados, participariam diretamente do conflito combatendo contra as forças do Eixo.

Ainda nesta forma de participação criou-se uma campanha submarina no Atlântico Sul. Além de outros países, o Paraguai participou enviando um grupo de oficiais aviadores da Arma Aérea Paraguaya para conjuntamente com a FAB (Força Aérea Brasileira) patrulharem as águas do Atlântico Sul, através de patrulhas aéreas e navais.

Uma segunda maneira de envolvimento ocorreu através do desenvolvimento de recursos naturais destinados a suprir as necessidades bélicas. As nações americanas vieram em socorro dos aliados. Foram realizados acordos para a produção de borracha, fibras, metais, quinina, inseticidas, estanho, cristais de rocha, mica, petróleo entre outros.

A terceira forma de participação foi a da defesa interamericana, eliminando os interesses do Eixo nas linhas de aviação comercial sul-americana; controlando a propriedade dos súditos na região, com medidas para cercar as operações comerciais e financeiras das firmas pertencentes aos nativos de países do Eixo.

A quarta forma de participação se deu através da cooperação com obras de caridade e assistência econômica para amparar vítimas das opressões e crueldades cometidas pelo Eixo.

---

<sup>38</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. p. 183.

A quinta e última forma de cooperação e a que no Brasil é mais conhecida foi o envio de forças combatentes. “As participações efetivas foram as do Brasil e do México. Outras nações contribuíram com o envio de participantes para se alistarem em forças combatentes dos EUA”.<sup>39</sup>

Após a ruptura de relações diplomáticas com o Eixo de uma série de países americanos, realizada durante a Conferência das Repúblicas Americanas, a Alemanha anunciou o bloqueio de todos os portos norte-americanos, alegando ser suicídio navegar para aquele país. Mesmo antes da declaração oficial de guerra, foram tomadas algumas medidas,

A FAB (Força Aérea Brasileira), ainda em fase de organização, começou a atacar submarinos alemães que vinham torpedeando navios brasileiros; foi instalada uma base militar em Natal e foram estabelecidas ligações militares com os EUA: a marinha brasileira, a partir de setembro de 1942, passou a ser comandada pelo almirante norte-americano Jonas Ingran.<sup>40</sup>

Para o patrulhamento do Atlântico Sul e também dos céus da Itália foi criado um grupo de caça denominado “Senta a pua”.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi organizada nos meses de janeiro a maio de 1944. Seu lema, bem como o seu símbolo era: “A cobra está fumando”. Em julho de 1944, a FEB partiu para a Europa, com um efetivo de 25.334 homens comandados pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes.

O Brasil serviu ao lado do V Exército norte-americano sob o comando do general Mark W. Clark, auxiliado por Vernan Walters, um especialista em assuntos brasileiros e que já àquela época falava corretamente o português.

Ao contrário do México que atuou no Pacífico, a FEB combateu na Itália, onde participou de algumas vitórias aliadas como, por exemplo, Monte Castelo, Castelnuovo e Collecchio. A área de atuação da FEB envolvia, além das já citadas, as localidades de Montese, Zocca, Monte Prano, Camaiore (locais de batalha) e Pisa, Psitóia, Florença (locais de preparo e passagem). Em consequência da guerra, 454 soldados brasileiros morreram e foram enterrados no cemitério da cidade italiana de Pistóia. Os combatentes

---

<sup>39</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. p 189.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 190

voltaram ao Brasil após o término da guerra na Europa (maio de 1945). O 1º Escalão da FEB chegou ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1945.

#### 1.4 O Rio Grande do Norte e a Segunda Guerra Mundial

Na década de 1930, Natal apresentava-se como uma cidade provinciana de vida modesta e pacata. Quem chegava a Natal, vinha por terra ou por mar. Era a sede do governo do Estado que, à época da guerra, era governado pelo Dr. Rafael Fernandes Gurjão, que tinha como Secretário Geral o Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo. A prefeitura da cidade era administrada pelo engenheiro Gentil Ferreira de Souza.

Em sua infra-estrutura contava com o Hospital Miguel Couto, bancos, repartições administrativas de todas as esferas de poder, um comércio ativo nos bairros da Ribeira e do Alecrim, o cine-teatro Carlos Gomes, na Ribeira, escolas, um sistema de transporte por bondes que interligavam os bairros da cidade, entre outros. Neste tempo, a cidade era dividida em sete bairros: Rocas, Ribeira, Cidade Alta, Tirol, Petrópolis, Alecrim e Lagoa Seca.

A Base Naval de Natal, teve sua construção iniciada em 1941, na área que hoje ocupa a margem direita do Rio Potengi, onde se encontrava a Escola de Aprendizes Marinheiros e a estação de rádio do Refoles, o que propiciou ao Alecrim sua participação ativa no esforço de guerra.

As notícias sobre a guerra chegavam aos natalenses através das ondas do rádio, através da BBC de Londres. Havia também os jornais *A República*, *A Ordem* e o *Diário de Natal*, da imprensa local e a Rádio Educadora de Natal – REN, hoje, Rádio Poti.

O Acordo Bilateral Brasil – Estados Unidos, firmado em 23 de maio de 1942, legitimou o aproveitamento das bases aeronavais localizadas no Norte e Nordeste do Brasil, fixando em Natal, o centro de irradiação das operações aéreas dirigidas à África do Norte, devido à sua proximidade com o continente africano. A necessidade de usar as bases de Natal, para apoio aos aliados proporcionou a construção e aparelhamento de bases que propiciassem condições adequadas às atividades específicas, no que diz respeito às operações aeronavais. “Tanto a construção da Base Naval como a da Base Aérea constituíram-se, na conturbada época, empreendimentos de grande vulto”.<sup>41</sup>

No ano de 1941, o almirante Ari Parreira chegava a Natal como coordenador da construção das instalações específicas de uma grande base destinada a se constituir no principal elemento de apoio aos navios da Marinha de Guerra do Brasil e demais belonaves dos países aliados que aqui aportassem em missão de guerra. O esforço de guerra aglutinava forças de vários segmentos e gerava feitos importantes. “Em pouco mais de um ano o acanhado local da Escola de Aprendizes Marinheiros se transformou em magnífico e imenso conjunto de prédios destinados à administração e aquartelamento [...]”.<sup>42</sup>

Enquanto isto, Parnamirim despertava. Distanto dezoito quilômetros de Natal, desde 1927, já funcionava um campo de pouso usado para aterrissagens de aeroplanos de pequeno porte da companhia francesa Latecoère.

Após os acordos firmados entre Brasil e Estados Unidos, o governo brasileiro permitiu aos Estados Unidos ocupar o campo de Parnamirim para o tráfego de seus bombardeiros com destino à África do Norte. A base aérea de Parnamirim veio a se tornar uma das principais bases militares do mundo. “A cada três minutos chegavam e saíam aeronaves americanas em operações de guerra. A maioria com destino à África de onde voltavam após o cumprimento das missões”.<sup>43</sup>

A Base Aérea de Natal também passou por reformas, as pistas de pouso e decolagem foram asfaltadas, algumas edificações foram construídas e aproveitaram-se as edificações já existentes pertencentes às extintas companhias LATI (italiana), AIR FRANCE (francesa) e Condor.

Durante o verão e o fim de 1942 o campo de Parnamirim foi construído pelos americanos, com “casas, estaleiros, cais de atracação e subida para os aviões anfíbios, armazéns, hospitais, cassinos, com higiene, claridade, fartura de alegria e de entusiasmo. [...]”, era o “Parnamirim Field [...]”.<sup>44</sup>

O aeroporto foi usado em conjunto pelo Exército e Marinha dos Estados Unidos, pela Royal Air Force, pelas linhas aéreas comerciais, pela Força Aérea Brasileira, de agosto de 1943 até o final de julho de 1945. A responsabilidade pela manutenção e segurança das instalações, durante esse período, foi entregue ao Exército dos Estados Unidos no Atlântico Sul.

<sup>41</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*, p. 111.

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Ibid, p. 115

<sup>44</sup> CASCUDO, Câmara apud CALMON, Pedro. *História do Brasil*, p. 2324.

Mas os esforços e as transformações não se deram apenas no âmbito de ataque às forças inimigas, no caso, de ataque às forças do Eixo. Houve também em Natal uma mobilização de defesa das bases militares e da cidade como um todo. Isto deveu-se à consolidação do domínio nazi-fascista no norte da África e à crescente importância militar-estratégica de Natal, fazendo com que sua população aprendesse a conviver com o risco de ataques do Eixo à capital norte-rio-grandense, embora fosse improvável. Mesmo assim,

um sistema de alarme feral foi implantado pelo Comando Militar, como parte de defesa da área. Constava de uma rede de sirenes com som de longo alcance instaladas em pontos estratégicos nos bairros da cidade, com a sirene de comando da rede colocada no Quartel General, na época ocupando o prédio recém construído da Maternidade Januário Cicco, onde também funcionava o hospital militar.<sup>45</sup>

Os exercícios de treinamento, os *black-out* eram realizados sob orientação do Comando Militar e a população era previamente avisada pela imprensa – rádio e jornais. Nestes exercícios, a sirene do Quartel General era acionada e a cidade entrava em estado de alerta. As luzes das residências, das ruas, dos carros eram apagadas, o tráfego dos carros e bondes interrompido, as pessoas em trânsito nas ruas tinham que procurar qualquer tipo de abrigo para nele permanecer até o fim do aviso das sirenes. Neste momento, as baterias da Artilharia Antiaérea entravam em ação, vasculhando o céu e potentes refletores eram acesos à procura do inimigo. Estes exercícios tinham a duração de duas horas. Também foi construído um grande abrigo coletivo escavado nos terrenos da Igreja Nova (atual Catedral).

A presença de americanos em Natal não se restringiu apenas aos militares, como também, artistas famosos de Hollywood, além de autoridades como o presidente Roosevelt. Havia uma intensa atividade cultural na cidade, onde o elemento americano misturou-se com os costumes locais.

Em Natal, “o 16º Regimento de Infantaria, recém criado, recebeu quase a totalidade dos reservistas convocados do Rio Grande do Norte, os quais, após curto período de readaptação às atividades militares, seguiam com suas unidades para cumprimento de missões de vigilância e defesa do litoral, no momento em que se entendia,

<sup>45</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 119.



como possível, um desembarque inimigo em qualquer parte da costa marinha do Nordeste [...]”.<sup>46</sup>

A participação do Rio Grande do Norte na guerra, também se fez presente no recrutamento de soldados para compor a Força Expedicionária Brasileira, que contou com 358 combatentes potiguares.

---

<sup>46</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 130.

## 2 AS TROPAS BRASILEIRAS NA ITÁLIA

### 2.1 A Força Expedicionária Brasileira

Na década de 1930, as lideranças do exército tinham por objetivo colocar o Exército no centro da reorganização nacional, como forma de criar um Brasil potência, preocupando-se em combater o comunismo, tanto em seu interior como na sociedade civil.

Para tanto, era necessário o reequipamento das Forças Armadas. As tensões internacionais da década de 1930 reforçavam o interesse das Forças Armadas em alcançar seu objetivo. Neste momento ocorreu uma aproximação comercial entre o Brasil e a Alemanha, “o governo nazista lançou-se a uma ampla ofensiva comercial na América do Sul, subsidiando os exportadores alemães, [...], os bancos do Reich concediam aos países importadores créditos de prazos mais dilatados do que os bancos ingleses e norte-americanos”.<sup>47</sup>

Os alemães ofereciam material bélico ao Brasil e com o apoio dos militares iniciaram-se relações bilaterais entre o Brasil e o Reich. O apogeu desta fase de comércio entre os dois países foi marcado pela assinatura do contrato entre as usinas Krupp e o Brasil, de março de 1930-1938, prejudicado pelo desencadeamento da Segunda Guerra Mundial.

As relações entre os dois países estreitaram-se a tal ponto que oficiais brasileiros realizaram estágios na força aérea alemã. No entanto, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, “as derrotas dos países do Eixo e as pressões norte-americanas levariam o governo de Vargas a mudar de posição”.<sup>48</sup>

A tentativa de reorganização das Forças Armadas Brasileiras esbarrou em obstáculos ainda mais difíceis de serem contornados, como o grande desinteresse de seus membros em todas as esferas.

O envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, desde a ruptura das relações diplomáticas até a declaração de guerra aos países do Eixo, exigiu das Forças Armadas um esforço ainda maior para manter a estabilidade do país. O acordo com os Estados Unidos, que cedeu bases militares no Norte e Nordeste do Brasil aos americanos, reforçou a atuação dos militares brasileiros no cenário da guerra mundial.

---

<sup>47</sup> CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira de. O novo papel dos militares. In: MENDES Jr, Antônio. MARANHÃO; Ricardo. *Brasil História*. p. 148.

<sup>48</sup> *Ibid.* p. 149.

Como o Brasil prometeu sua ajuda, também no envio de efetivos para a Europa, com o objetivo de auxiliar as forças aliadas no combate das tropas nazi-fascistas, se fez necessário a criação da Força Expedicionária Brasileira enviada juntamente com a Força Aérea Brasileira para a Itália, onde atuou ao lado dos Aliados.

Ao criar a Força Expedicionária Brasileira – FEB – o presidente Getúlio Vargas objetivava amenizar a situação interna, uma vez que o povo manifestava-se a favor da guerra, e projetar o país no cenário internacional, “a reboque dos Estados Unidos”.<sup>49</sup> Aos militares interessava a obtenção de material bélico e treinamento.

Desde a declaração de guerra até o primeiro ato de efetiva criação da Força Expedicionária passou-se um ano. A Força Expedicionária Brasileira foi criada pela Portaria Ministerial 47/44, de 9 de agosto de 1943, assinada pelo Ministro Eurico Gaspar Dutra. O comando da FEB em sua participação na guerra foi entregue ao General João Batista Mascarenhas de Moraes.

A FEB foi planejada para comportar três divisões de infantaria, porém só contou com uma que “não foi pouco diante das dificuldades encontradas para sua elaboração”.<sup>50</sup> As outras duas divisões não chegaram a ser organizadas.

Tratado como um Corpo Expedicionário, sua estrutura orgânica comportava um corpo de exército armado equipado com material norte-americano. Ao contrário do exército brasileiro, moldado nos padrões franceses, a FEB foi constituída nos moldes americanos. “Grande-unidade básica da Força Terrestre para a combinação das armas e dos serviços, a Divisão de Infantaria era, na organização americana daquele tempo, constituída, predominantemente, de três regimentos de infantaria, formados, cada um, por três batalhões, compostos, por sua vez de três companhias de fuzileiros. A essa organização [...] correspondiam os indispensáveis apoios de artilharia e de engenharia”.<sup>51</sup>

Logo no início de sua implantação ficou claro que o país não estava preparado para assumir o grande empreendimento a que se propusera. Várias providências foram tomadas para compor a complexa engrenagem estrutural da grande e mais nova unidade do Exército Brasileiro, dentre elas: “a seleção do contingente a incorporar, aplicação do processo de readaptação aos novos padrões de instrução e adestramento da tropa, com vista

---

<sup>49</sup> NEVES, Luis Felipe da S. A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial*. p. 308.

<sup>50</sup> *Ibid.* p. 309

<sup>51</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. p. 19.

ao seu enquadramento nas modernas técnicas de combate, além do necessário condicionamento físico de todos os seus componentes.”<sup>52</sup>

Para a organização da 1ª Divisão de Infantaria, adotou-se um critério político, em vez de militar. “Em lugar de adaptar-se, como um todo, uma das divisões já existentes, criou-se um amálgama de unidades aquarteladas na região ecumênica de São Paulo-Rio-Minas e em Mato Grosso [...]”.<sup>53</sup>

A Infantaria era integrada pelo 1º Regimento de Infantaria – do Rio de Janeiro – o 6º Regimento de Infantaria – de São Paulo, e o Onze Regimento de Infantaria de São João del Rei. Havia também três grupos de obuses auto-rebocados, de calibre 105, o grupo de artilharia pesada curta, o 9º Batalhão de Engenharia – de Mato Grosso, o 1º Batalhão de Saúde, o Esquadrão de Reconhecimento, a Companhia de Comunicação, a Esquadilha de Ligação e Observação e tropa especial: Companhias de Intendência e Manutenção, Pelotões de Polícia e Sepultamento bem como a Banda de Música.

A preparação da FEB colocou em evidência outras tantas deficiências como a falta de material bélico e treinamento. O material francês era composto de equipamentos velhos, ultrapassados e teve que ser substituído por material norte-americano. Faltava até mesmo uniformes adequados ao clima europeu.

Vários problemas surgiram para a formação da FEB, como a preparação, à maneira americana, de uma divisão heterogênea de um Exército até então moldado em doutrina e padrões franceses; a criação de órgãos novos para os quais não havia pessoal, nem material adequados, a seleção de pessoal adotando-se padrões acima de nossa realidade, a preparação para as condições climáticas de um teatro estanho ao nosso. “Tratava-se, em suma, de preparar uma Divisão para a qual não havia disponibilidade de todas as qualificações funcionais, de adestrá-la na utilização de material que nunca tinha visto, segundo uma doutrina [...] estranha”.<sup>54</sup>

A maioria do equipamento a ser utilizado pela FEB nos campos de batalha foi conhecido já na Europa, todo ele de fabricação americana e pago até o último centavo. O material bélico “moderno e desconhecido, em parte, pelos militares brasileiros, tornava difícil o aprendizado de seu manejo. Algumas armas somente foram apresentadas aos seus usuários na Itália. Assim foi com o lança-rojão ou bazuca, o canhão anti-carro 57 mm, o

<sup>52</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 130

<sup>53</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. p. 19

<sup>54</sup> *Ibid.* p. 20

morteiro 60mm e o próprio armamento individual, o fuzil Springfield. Os exercícios de tiro eram reduzidos, não oferecendo um rendimento mesmo razoável aos atiradores. A intimidade definitiva com o armamento somente foi possível depois da chegada da tropa na Itália, com o recebimento do material que seria utilizado na campanha”.<sup>55</sup>

Sobre o pessoal recrutado, ocorreu a predominância das camadas populares para compor as fileiras da FEB, rapazes pertencentes as classes pobres, operários, lavradores. A elite pouco se fez presente, pois através de conhecimentos políticos, muitos conseguiram escapar ao recrutamento para a guerra. Foram convocados brasileiros de todos os Estados, passando por exigente inspeção de saúde para atender a padrões antropométricos e sanitários normalmente não exigidos pelo Exército Brasileiro.

Iniciados os trabalhos de mobilização da reserva, seguindo os critérios para a convocação, foram selecionados reservistas das classes de 1920 a 1923. Os selecionados recebiam a carta de convocação para o serviço militar pelo correio em suas residências. Os reservistas convocados, ao se apresentarem, submetiam-se a uma avaliação médica, os considerados aptos para o serviço do Exército eram incorporados às unidades receptoras, onde novamente passavam por minuciosa avaliação. Nesta segunda seleção os convocados que fossem julgados aptos “A” – categoria especial, integraram a FEB, cujos efetivos completos após a seleção concentraram-se no Rio de Janeiro até o embarque para a guerra.

Após a montagem da estrutura orgânica da Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, seguiu-se para a fase de instrução e treinamento das tropas. A instrução ministrada por oficiais e sargentos contava também com instrutores americanos apesar das dificuldades de comunicação. Os treinamentos eram variados e intensos e se tornaram uma constante na preparação dos combatentes.

Em suas operações, a FEB viveu três momentos distintos a partir do início de sua atuação em combates em meados de setembro de 1944. (Anexo 2). No início, ainda incompleto, o corpo expedicionário conheceu suas primeiras vitórias ao longo do vale do Rio Serchio, encerrando sua participação no setor com uma derrota em Casteonuovo di Garfagnana, motivada pelo despreparo e excesso de confiança.

A segunda etapa, a mais dura da campanha na Itália, foi de novembro a fevereiro, no vale do Reno. Neste momento ocorrem os quatro ataques frustrados a Monte

---

<sup>55</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 132

Castello. Somente na primavera, as forças aliadas puderam retomar o seu avanço e conquistar posições nos Apeninos.

Na fase final, que durou até o término da guerra, no início de maio, foi uma rápida corrida atrás do alemão em fuga para o norte. A força brasileira deslocou-se em três direções, usando equipamento motorizado. Neste período, a FEB aprisionou mais de 20 mil soldados alemães, incluindo dois generais.

Após seu retorno ao Brasil é necessário destacar o desprezo do exército em relação à experiência militar da FEB. Aos orgulhosos soldados expedicionários que retornavam, foi dada somente uma semana de permissão para usar o uniforme da FEB. Este clima contrário à FEB, apesar dos desfiles comemorativos da volta dos pracinhas, foi percebido tanto nas autoridades civis e militares, como também no povo, que passada a euforia da vitória, pouco queria saber das histórias de guerra, dos feitos de seus soldados.

## 2.2 A preparação para o embarque

Após a criação da FEB e a convocação dos efetivos que a compuseram, seguiram-se os preparativos para o embarque das tropas brasileira rumo à Europa.

Na segunda metade de junho, a FEB já se encontrava pronta para embarcar, porém a demora deste embarque e a incerteza do destino das tropas aumentava a expectativa entre os militares e civis. A oposição ao envio de tropas à guerra aproveitava-se das incertezas para especular se realmente a FEB iria ou não. Circulava entre os militares nos quartéis a frase: “será mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar”.<sup>56</sup>

Esta frase serviu de inspiração para a criação do distintivo de braço que identificava o soldado brasileiro entre as forças do V Exército na Itália, que trazia o desenho de uma cobra verde fumando.

Para o embarque do primeiro escalão, com destino à Europa, foi realizado uma manobra de despistamento, na qual, a 28 de julho de 1944, o 11º Regimento de Infantaria foi deslocado do acantonamento no Morro do Capistrano para a região de Recreio dos Bandeirantes no litoral carioca. No mesmo período o Regimento Sampaio (1º RI) seguiu para Santa Cruz.

<sup>56</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 134

Estas manobras serviram para despistar o embarque do 6º RI que ocorreu em 2 de julho de 1944, partindo reforçado com um companhia de obuses do Onze e mais o Primeiro Regimento do Obuses Auto-rebocado. O embarque deste primeiro escalão veio eliminar definitivamente a falsa idéia de que a FEB não seguiria para as frentes de combates na Europa. Este primeiro escalão de embarque da FEB era composto por um efetivo de 5.075 homens, viajando no navio americano “General Mann”.

O segundo e o terceiro escalões de embarque, constituídos pelos Primeiro Regimento de Infantaria – 5.075 homens e Décimo Primeiro Regimento de Infantaria – 5.239 homens, embarcaram a 22 de setembro, obedecendo o mesmo procedimento quanto à saída do primeiro escalão.

O embarque se deu da seguinte forma:

a tropa, rigorosamente treinada para a operação de embarque, no início da tarde do dia 20 deixava suas instalações na Vila Militar, dirigindo-se em composições ferroviárias, para o cais do porto onde dois grandes transportes de guerra da marinha norte-americana, os navios General Meigs e General Mann, aguardavam em dezenas de vagões até a larga plataforma do cais onde desembarcavam nas proximidades do navio. Os homens, conduzindo sobre os ombros o chamado saco ‘A’ com seus pertences, sem perda de tempo e conforme foram treinados, se apresentavam com sua subunidade à Comissão de Embarque onde recebiam um cartão de identificação e controle de refeições.<sup>57</sup>

Em seguida embarcavam.

O presidente Getúlio Vargas compareceu a bordo do General Meigs, nas primeiras horas da noite do dia 20. Veio despedir-se da tropa. No dia 21, os dois navios ainda permaneciam atracados para que o pessoal embarcado conhecesse e se adaptasse às suas instalações. A viagem iniciou-se às 12h 45min do dia 22 de setembro. O sigilo sobre o embarque da tropa era necessário para garantir a segurança e a proteção do comboio.

Durante a viagem os exercícios de treinamento continuaram diariamente, em horários não programados anunciavam o início dos exercícios de treinamento de defesa antiaérea e anti-submarino. Para quebrar a rotina havia momentos de lazer, quando os embarcados jogavam cartas ou dominó.

---

<sup>57</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 136.

Ao toque da alvorada, às 5h 30min, todos acordavam, tomavam os cuidados higiênicos e seguiam para o refeitório para o café da manhã. Na entrada apresentavam o cartão de identificação, para ser picotado, onde ficava registrado seu comparecimento. A refeição era servida na bandeja e consumida em pé, “sendo sempre lembrados que milhares de outros homens aguardavam sua vez para comer”<sup>58</sup>.

Após a refeição todos seguiam para o convés, para que seus alojamentos fossem limpos. Era difícil encontrar um lugar para sentar, mesmo no chão. Os que encontravam, lá permaneciam até a hora de descer para o compartimento. Enquanto aí permaneciam, sem nada para fazer, ficavam observando as manobras dos destróieres da escolta e não raro a presença de aviões integrados ao sistema de segurança do comboio.

Na passagem por Gibraltar, os contra-torpedos da marinha brasileira passaram a responsabilidades da escolta a belonaves americanas.

A chegada da tropa em Nápoles, na Itália ocorreu no dia 6 de outubro, após 14 dias de viagem. No porto de Nápoles, a tropa permaneceu a bordo até o dia 9, quando iniciaram a segunda fase da viagem.

A estes segundo e terceiro escalões, seguiu-se o quarto escalão de embarque, composto de 4.691 homens, para depósito de pessoal, embarcados no dia 23 de novembro de 1944, no navio americano General Meigs, chegando a Nápoles em 7 de dezembro. O quinto escalão de embarque, composto por 5.082 homens, para depósito de pessoal, embarcou no dia 8 de fevereiro de 1945, no navio americano Gerenal Meigs, chegando a Nápoles em 22 de fevereiro de 1945.

### **2.3 A Campanha na Itália**

As tropas brasileiras chegam à Itália em 1944, as forças aliadas concentradas nesta península lutavam contra tropas alemãs e tropas italianas que resistiam à presença aliada. A guerra havia iniciado em 1939. Para os estrategistas, a Segunda Guerra Mundial só poderia ser vencida pelos aliados a partir da França, Normandia e Provença. Com o inimigo em retirada para o Norte e tomados Livorno, Pisa e Siena, o VI Corpo Americano

---

<sup>58</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 139.



e o Corço Expedicionário Francês foram deslocados para o Sul da França rumo a Provença. Com isso, desmembrava-se o V Exército, gerando uma carência de efetivos para manter as posições conquistadas na Itália. Foi neste momento que a FEB chegou à Itália, “a FEB vinha na hora crítica, na hora da fome de gente”.<sup>59</sup>

Com a chegada do primeiro escalão de embarque, composto pelo 6º RI, a FEB dá início à participação brasileira na guerra. Por ter chegado primeiro ao teatro de operação na Europa, o primeiro escalão de combate foi quem teve os primeiros contatos com as tropas inimigas. “Desembarcando em Nápoles, na manhã de 16 de julho, a tropa do primeiro escalão de embarque seguiu de trem e a pé para a localidade de Agnano onde bivacou. Nessa data, o General Mascarenhas de Moraes, ligando-se com o comandante da área, conseguiu seu deslocamento para a região de Tarquinia, onde receberia os retoques finais que o tornaria apto para a luta”<sup>60</sup>.

Em 8 de agosto de 1944, a FEB foi incorporada ao V Exército dos Estados Unidos, tendo como destacamento precursor seu Grupamento Tático comandado pelo General Euclides Zenóbio da Costa. Após o período de adestramento a tropa foi submetida a um exercício-teste com duração de 36 horas, arbitrado por uma equipe de oficiais e sargentos americanos que os julgou “aptos para imediato emprego nas frentes de combate”.<sup>61</sup>

Embora estivesse pronta, a tropa brasileira composta neste momento apenas do primeiro escalão de embarque poderia ter esperado o grosso da tropa da 1ª DIE, para completa assumir as posições de combate. Porém dada às emergências da guerra teve seu emprego apressado, entrando em linha na região de Ospedaletto, onde aguardava ordens de operações no Vale do Rio Serchio.

A decisão colocar a tropa brasileira em ação foi motivada pela transferência de onze divisões daquela área, quatro francesas e sete americanas, destinadas a reforçar a vanguarda dos exércitos aliados na invasão da Normandia em 15 de agosto, deixando debilitados os efetivos ali concentrados que, do total de 249.000 foram reduzidos para 153.000 homens. Este contingente era numericamente inferior ao XIV exército alemão pertencente ao Grupo de Exército C, o que dificultava seu combate. O XIV exército alemão estava instalado em posições defensivas, tornadas conhecidas como Linha Gótica,

---

<sup>59</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. p. 27.

<sup>60</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 148.

<sup>61</sup> *Ibid.* p. 148.

após serem derrotadas no corte do Rio Arno. O V Exército dispunha em julho de 1944 de nove divisões.

Esta nova linha de defesa alemã era tida como obstáculo de difícil transposição, partindo de La Spezia na costa do mar Tirreno, atravessava montes Apeninos até atingir o litoral do Adriático, na área de Pezaro e Rimini.

A Força Expedicionária Brasileira recebeu a primeira missão de guerra ao substituir, na noite de 15 de setembro, tropas americanas na frente na região de Massacuiuccole – Filetolle – Vechiano. O primeiro escalão de embarque ficou conhecido como o Destacamento FEB.

As primeiras missões confiadas à FEB foram executadas com sucesso.

No dia 16 de setembro dominando as alturas do Monte Comunalle e II Monte, os primeiro e segundo batalhões do 6º RI ocuparam as localidades de Massarosa e Bozzano. No dia seguinte, no curso do avanço inicial, ultrapassaram os primeiros campos minados e recebendo fogos de artilharia, atingem a linha de colinas Gherladona – II Vecolli – Santa Luccia, de onde em 18 de setembro, ocupam sem grande esforço a localidade de Camiore, encravada nas fraldas de um grupo montanhoso composto pelos Montes Prano, Valimoso e Acuto.<sup>62</sup>

Nesta marcha, até o dia 26 de setembro, toda aquela região estava em poder das tropas brasileiras. Apesar destas conquistas, a principal linha de defesa alemã, a Linha Gótica resistia, mesmo havendo uma ruptura parcial.

Com os efetivos desfalcados o comando aliado da área decidiu fazer uma pausa na ação ofensiva, “com o objetivo de proceder necessário reajustamento no dispositivo, rever planos de operações e propiciar à tropa relativo descanso”.<sup>63</sup> Desta forma foram deslocadas algumas tropas e foram feitas mudanças em toda a frente. O Destacamento FEB foi transferido para o Vale do Serchio, onde ocuparia novas posições de combate.

Enquanto estas mudanças ocorriam, chegavam ao porto de Nápoles o segundo e o terceiro escalões de embarque da FEB, compostos pelo 1º e 11º Regimentos de Infantaria, sendo conduzidos para San Rassore, nos arredores de Pisa, onde passariam pelo período de adaptação, recebendo o treinamento necessário para adequar-se às frentes de combate.

---

<sup>62</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguaras*. p. 150.

<sup>63</sup> *Ibid.*

Ao retomar o movimento ofensivo, já no Vale do Serchio, o Destacamento FEB fez contato com o inimigo e conseguiu ocupar algumas localidades. Outro objetivo dos brasileiros, depois de consolidadas as posições ocupadas no Vale do Serchio, era, obrigatoriamente, Castelnuovo de Garfagnana. Nesta localidade, as forças alemãs contavam com fortes contingentes da 42ª e 232ª Divisões de Infantaria e ainda o 165º Batalhão de Infantaria instalado nas proximidades de Castelnuovo de Garfagnana. Porém o ataque das forças brasileiras em direção a Castelnuovo de Garfagnana rendeu-lhe um forte contra-ataque que obrigou o Destacamento FEB a recuar a posições anteriores em Somocolônia e Albiano. O insucesso desta operação marcou o fim das atividades da tropa brasileira no Vale do Serchio.

Em 30 de outubro, o General Mascarenhas de Moraes, que dirigia as operações de seu observatório em meio à investida contra Castelnuovo, foi convocado pelo Estado Maior do General Mark Clark, para participar de uma Conferência no Passo da Futa, na área de atuação do V Exército. Nesta conferência, ficou estabelecido o deslocamento de algumas tropas, para outras frentes de combate, devido às baixas e ao cansaço das tropas há muito na frente de batalha. O Destacamento FEB foi designado para atuar no Vale do Reno.

A 1ª DIE, designada para atuar no Vale do Reno, foi deslocada com urgência para a nova posição, pois substituiria a 1ª Divisão Blindada Americana, já desgastada nesta frente. O Destacamento FEB foi extinto, passando a unidade brasileira a ser denominada pelo regimento que a compunha – 6º Regimento de Infantaria.

Neste momento as tropas recém-chegadas, compostas pelos 1º e 11º Regimentos de Infantaria, juntaram-se na Frente do Reno, ao 6º Regimento de Infantaria, completando a tropa brasileira. A FEB passou a atuar como uma Divisão inteira sob, o comando do General Mascarenhas de Moraes.

Do início de novembro a meados de fevereiro a FEB permaneceu na Frente do Reno. As atenções das tropas aliadas voltaram-se para a cidade de Bolonha, que era a grande porta de acesso à riquíssima planície do Pó e pertencia as principais rotas terrestres da Itália, defendida pelos alemães. “Dominar Bolonha era vencer a batalha da Itália”.<sup>64</sup>

Em fins de novembro, já completa em seus efetivos, a FEB recebeu a missão de lutar no setor de combate da estrada 64, que levava a Bolonha. Os americanos e ingleses

---

<sup>64</sup> COSTA, Octávio. *Cinqüenta anos depois da volta*. p. 32

acometiam inutilmente Bolonha, suportando vigorosos contra-ataques e sofrendo as mais severas perdas da campanha. A tropa aliada permanecia nesta frente já havia três meses.

As posições brasileiras do Reno, por onde corria a rota 64, ficavam nas encostas de um dominante arco de elevações, dos quais Monte Castelo estava em privilegiada situação topográfica e tática, abrigando a 232ª Divisão de Infantaria alemã.

A frente na qual a FEB atuou variava entre 15 e 20 km de largura e seu objetivo era agir ofensivamente, conquistando as alturas que dominavam o Vale do Reno. Com isto aliviava a frente de Bolonha, onde as perdas aliadas eram alarmantes. A FEB tinha a missão de atacar incessantemente, numa frente extensa, para forçar o adversário a deslocar tropas de defesa de Bolonha.

Monte Castelo foi atacado quatro vezes, pelas forças aliadas. “A 24, um batalhão do 6º irmanou-se à Task Force 45 americana e repetiu a tentativa no dia seguinte. A 29, atacamos com um batalhão de cada regimento e, a 12 de dezembro, com dois batalhões do 1º e dois do Onze. Duas vezes o soldado brasileiro chegou ao cume do morro sinistro e duas vezes voltou. De ataque para ataque crescia a soma de nossos sacrifícios e perdas [...]”.<sup>65</sup>

Com o inverno as operações foram estabilizadas. Tão logo melhoraram as condições climáticas, o comando americano decidiu retomar a ofensiva; apossando-se do arco montanhoso. No dia 21 de fevereiro de 1945 as tropas aliadas venciam em Monte Castelo.

Após a conquista de Monte Castelo, de meados de fevereiro aos princípios de março ocorreu a Ofensiva do IV Corpo, preliminar da Grande Ofensiva da Primavera. Era o Plano Encore. “Tratava-se de conquistar melhores posições, de onde lançar a ofensiva que vem depois”.<sup>66</sup> As atenções se voltaram para Caslelnuovo de Vergato. Enquanto os americanos investiam contra Castel D’Aiano e Monte Della Castellana, a FEB atacou as posições inimigas de Monte Soprassasso e Castelnuovo. “A manobra consistiu no isolamento do ponto forte de Soprassansso e na convergência de dois ataques sobre Castelnuovo”.<sup>67</sup>

De meados de abril ao fim da guerra, coube a FEB a responsabilidade do longo

---

<sup>65</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. p. 32

<sup>66</sup> *Ibid.* p. 27

<sup>67</sup> *Ibid.* p. 36

setor compreendido entre Capella di Ronchidos e Sassomolare, tendo à frente Montese, importante nó de estradas e elevações.

O fim da guerra na Itália começaria no dia 14 de abril de 1945. A FEB cobriria o flanco esquerdo do ataque principal, “com a missão de conquistar Montese, explorar o êxito até o corte do Panaro e, depois, progredir na direção de Zocca-Vignola”.<sup>68</sup>

Montese foi a mais sangrenta vitória da FEB, em que se empenhou toda a Divisão, cabendo aos mineiros do Onze a glória maior, por haverem conquistado a localidade e sofrido a reação da infantaria alemã.

Depois de Montese, a Divisão mandou elementos seus até a margem oriental de Panaro e marchou para o norte, capturando as vilas de Zocca e de Vignola, onde iniciou o cerco a todas as colunas inimigas que quisessem alcançar a via Emília. Era uma perseguição ao inimigo em fuga.

Em 23 de abril alcançou o rio Secchia e a 24 o Enza. “A 26, nosso Esquadrão de Reconhecimento encontrou o inimigo em Colecchio e exigiu sua rendição”.<sup>69</sup> Os alemães procuravam evitar o cerco dos soldados brasileiros, era a 148ª Divisão alemã. Em 28 de abril, o 6º RI lutava para derrotá-la, assim como aos destroços da Divisão Bersaglieri e os remanescentes da Panzer Grenadier. Desta forma:

Antes de desferir o ataque final a Fornovo di Taro, o comandante do 6º enviou, no dia 29, ao comando alemão um ultimato em que intimava a render-se incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estavam prontas para atacar. (...) Na primeira resposta, um Major chamado Kuhn mencionava a espera de instruções de seu comando superior. No entanto, à noite, três oficiais, inclusive o Major Kuhn, chefe do Estado-Maior da 148ª, cruzavam as linhas brasileiras para os entendimentos da rendição (...).<sup>70</sup>

Além da 148ª Divisão de Infantaria alemã, renderam-se aos brasileiros, parte da 90ª Divisão Panzer Grenadier e IV Batalhão de Montanha, alemães; Divisão Itália (Bersaglieri) e um batalhão de Camisas Negras, italianos. Esta rendição rendeu à tropa brasileira o mérito de fazer quase 15.000 prisioneiros, além de confiscar todo o material dos alemães.

<sup>68</sup> COSTA, Octávio. *Cinquenta anos depois da volta*. p. 36.

<sup>69</sup> *Ibid.* p. 38.

<sup>70</sup> *Ibid.*

Na manhã de 29, a Divisão brasileira ocupou várias cidades situadas na bacia do Pó, algumas já em poder dos partigiani. Às 14 horas do dia 2 de maio os exércitos alemães na Itália rendiam-se definitivamente. Mas isto não significou o fim das operações da FEB na Itália, após a rendição das divisões nazistas, em Fornovo di Taro, a FEB articulou-se em três Grupamento Táticos – 1, 6 e 11 – tendo por base cada um dos regimentos e respectivamente comandados pelos generais Cordeiro de Farias, Falconiere e Zenóbio da Costa para cumprir a missão de ocupar a região de Alessandria e progredir na direção norte e noroeste.

O contingente da FEB enviado à Itália, somou 25.334 homens, dos quais 15.069 correspondem à tropa que realmente entrou em ação de combate, ficando o restante pelos órgãos não divisionários e depósito de pessoal.

De 8 de maio a 3 de julho de 1945, a FEB foi empregada na ocupação militar do território conquistado, atuando na região caracterizada pelas cidades de Alessandria e Piacenza. Substituída pela Divisão Cremona, italiana, a FEB concentrou-se em Francolise, a fim de preparar-se para o retorno ao Brasil, que só se iniciaria dia 6 de julho de 1945.

Se a atuação da FEB foi positiva ou negativa, se faz necessário análises mais profundas, mas é certo que em meio a uma guerra que durou quase seis anos, o reforço de um efetivo de 25.000 homens, num campo de batalha que contabilizava mais perdas que vitórias, foi um fator muito importante para o êxito de uma campanha como a da Itália.

### 3 O FIM DA GUERRA

#### 3.1 A derrota do Eixo

A Segunda Guerra Mundial, que durou quase seis anos e aglutinou esforços de várias regiões do planeta, parecia definida até o final de 1942, quando as tropas do Eixo sofreram grandes derrotas iniciando a virada dos aliados. “A derrota do marechal Rommel na batalha de El Alamein cortou o avanço dos alemães para o Egito. Em novembro, forças norte-americanas comandadas pelo general Eixenhower desembarcavam no Norte da África e, poucos meses depois, as tropas alemãs rendiam-se ou retiravam-se para a Europa”.<sup>71</sup>

Ainda em novembro de 1942, começou a maior batalha da guerra até aquele momento: o Exército Vermelho, comandado pelo marechal Zukov, iniciava uma contra-ofensiva em Stalingrado, que só terminaria em fevereiro de 1943, com a derrota das tropas alemãs. Esta batalha, em Stalingrado, deu novo ânimo às tropas aliadas e significou a virada sobre os avanços de Hitler.

Em março de 1943, outra derrota do Eixo abalaria sua convicção, quando ingleses e norte-americanos venciam a Batalha do Atlântico, com a destruição de grande número de submarinos alemães.

As tropas aliadas avançaram do norte da África em direção à Península Itálica, desembarcando na Sicília. Após inúmeras derrotas humilhantes sofridas pelo fascismo, tornou-se difícil a manutenção do regime de Mussolini. Em julho de 1943, Mussolini foi deposto e preso pelo Grande Conselho Fascista. O marechal Badoglio, novo presidente do Conselho, pediu o armistício aos aliados.

Esta situação na frente italiana, fez com que Hitler enviasse o exército alemão para ocupar a Itália. Graças ao seu sucesso, Mussolini foi libertado e colocou-se “à frente de um Estado fantoche dos alemães, a chamada República de Saló, no norte italiano”.<sup>72</sup>

Contra esta situação os fascistas italianos organizaram-se num movimento de resistência, liderado principalmente pelo Partido Comunista Italiano, e que muito contribuiu para os avanços das tropas aliadas contra os exércitos alemães na Itália.

---

<sup>71</sup> CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira de. In MENDES Jr, Antônio; MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História**. p.193.

<sup>72</sup> *Ibid.* p. 194.

Para completar o cerco às tropas alemãs era necessário abrir-se uma nova frente na França, o que resultou na Operação Overlord, com o desembarque de centenas de milhares de soldados na Normandia a 6 de junho de 1944, o “Dia D”. Paris foi libertada em agosto, fechando-se o cerco às tropas de Hitler na Europa.

Ao mesmo tempo em que ocorria o ataque às tropas alemãs pela frente ocidental da França, o Exército Soviético iniciava uma ofensiva na Europa Centro Oriental. Nesta ofensiva os Estados-satélites da Alemanha foram derrubados e o próprio território alemão foi invadido. Mas a derrota definitiva da Alemanha só ocorreria em maio de 1945.

O fim da guerra trouxe novas esperanças já que, “os exércitos do Reich estavam definitivamente derrotados. Hitler havia se suicidado, Mussolini fora preso e fuzilado por guerrilheiros italianos”.<sup>73</sup>

Na Ásia, de 1942 a 1945, o império japonês foi progressivamente derrotado na guerra do Pacífico e expulso dos territórios que ocupava. Porém a “capitulação final japonesa ocorreu em agosto de 1945, depois do bombardeio atômico de Hiroxima e Nagasaki. Neste momento a União Soviética declarou guerra ao Japão e ocupou o norte da Coréia até o paralelo 17”.<sup>74</sup>

### 3.2 O retorno da FEB ao Brasil

Terminada sua atuação nas frentes de batalha da Itália a FEB iniciou seu retorno ao Brasil a 6 de julho tendo sido concluído a 3 de outubro de 1945. A viagem de volta foi realizada em sete escalões, partindo do porto de Nápoles, o mesmo da chegada na Itália. A ordem de embarque das tropas brasileiras com destino ao Rio de Janeiro foi a seguinte: o primeiro escalão, sob o comando do general Zenóbio da Costa, com 4.931 homens, a maioria do 6º RI, partiu de Nápoles no navio-transporte americano “General Meigs”, chegando ao Rio de Janeiro a 18 de julho de 1945. O segundo escalão, à base do 1º RI, com 6.187 expedicionários, partiu de Nápoles a 12 de agosto, chegando ao Rio a 22,

<sup>73</sup> FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1999. p. 278

<sup>74</sup> CAMPOS, Raimundo Carlos Bandeira de. Introdução: a derrota do fascismo e as guerras de libertação. In MENDES Jr, Antônio. MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História**. p. 194.



no navio americano "Mariposa". O terceiro escalão, composto por 1.801 homens do Depósito de Pessoal, viajou no navio brasileiro "Duque de Caxias" de 28 de agosto a 19 de setembro. O quarto escalão, com 5.342 homens, principalmente do Onze, veio no "General Meigs", partindo de Nápoles a 4 e chegando a 19 de setembro. O 9º Batalhão de Engenharia e as tropas divisionárias viajaram no "Pedro I" e "Pedro II", chegando a 3 e 13 de agosto. Os últimos integrantes da FEB chegaram ao Rio de Janeiro a 3 de outubro de 1945, viajando no navio americano "James Parker".

Nas ocasiões dos desembarques dos escalões que chegavam ao Rio de Janeiro, os "pracinhas" como ficaram conhecidos os combatentes da FEB, eram recebidos com grandes manifestações populares.

Em aviso datado de 6 de julho de 1945, o Ministro da Guerra determinava que as unidades da FEB, à medida que fossem chegando, ficassem subordinadas ao General Comandante da 1ª Região Militar, e seus integrantes fossem sendo desincorporados, tomando novos destinos e retornando às tarefas dos tempos de paz. Sendo assim "os efetivos da FEB foram reduzidos ao mínimo indispensável, sendo, a maioria de seus componentes, militares convocados, licenciados do serviço ativo do Exército e mandados de volta para casa, recebendo, nas respectivas unidades, o Certificado de Conclusão do Serviço Militar, impresso em Milão".<sup>75</sup> Apenas os militares de carreira, oficiais e sargentos pertencentes aos quadros profissionais militares, permaneceram em efetivo serviço nas suas unidades.

No cenário político brasileiro, seguindo uma tendência mundial, ocorreu a 29 de outubro de 1945 a queda do governo de Vargas, encerrando-se a ditadura do Estado Novo.

---

<sup>75</sup> SIQUEIRA, Cleantho Homem de. *Guerreiros potiguares*. p. 197.

## CONCLUSÃO

A Segunda Guerra Mundial, por ter sido global, espalhou suas conseqüências pelo mundo inteiro. Para os países que sofreram com as bombas o saldo da destruição física e humana foi muito alto. Os países que apenas cooperaram no esforço de guerra contabilizaram perdas menores. Não há dúvida de que a Segunda Guerra Mundial foi um evento marcante na história contemporânea da humanidade.

A guerra contribuiu para uma grande transformação no quadro internacional, no que diz respeito ao imperialismo europeu, e a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, visto que “a Segunda Guerra Mundial provocou o desmoronamento do poderio europeu, o que contribuiu para a descolonização dos continentes africano e asiático. Os Estados Unidos emergiram como grande potência, contabilizando um aumento de mais de 50% em sua renda anual”.<sup>76</sup>

Houve o aumento da brutalidade e desumanidade no século XX. O terror causado na Primeira Guerra não impediu que “homens que tinham matado e visto matar e estropiar seus amigos hesitassem em matar e brutalizar os inimigos de uma boa causa”.<sup>77</sup> A democratização da guerra mostra que os civis e a vida civil se tornaram os alvos estratégicos certos. Surgiu a nova impessoalidade da guerra, que tornava o ato de matar e estropiar uma conseqüência remota de apertar um botão ou virar uma alavanca. As bombas atômicas atiradas contra Hiroxima e Nagasaki, que exterminaram milhares de pessoas, são um exemplo do aumento da brutalidade e o uso da ciência para se obter armas cada vez mais eficazes contra o inimigo.

A Segunda Guerra Mundial foi travada até o fim, sem idéias sérias de acordo em nenhum dos lados, com exceção da Itália que trocou de lado e regime político em 1943 e não foi inteiramente tratada como território ocupado, mas como um país derrotado com um governo reconhecido.

Como a Segunda Guerra Mundial foi, inicialmente, uma guerra européia que aos poucos se tornou global, na medida em que mobilizou recursos de vários países, se fez necessário analisar-se a contribuição do Brasil neste conflito. A participação do Brasil, inicialmente como mero colaborador, posteriormente como atuante nas frentes de batalha,

---

<sup>76</sup> MARQUES, Adhemar et al. *História Contemporânea através dos textos*. p. 167.

<sup>77</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos*, p. 56.

não deve ser desprezada. O Brasil cedeu bases militares no Norte e Nordeste e posteriormente enviou efetivos para combaterem as forças do Eixo ao lado dos Aliados.

Das diversas formas de participação na Guerra, fosse direta ou indireta mobilizaram os países da América como um todo. Os Estados Unidos se encarregaram deste envolvimento e “quer se valorize a importância da participação latino-americana na Segunda Guerra Mundial ou se a menospreze, é importante assinalar, entretanto, que os seis anos de conflito declarado (1939-1945) sinalizam para um estreitamento de relações intercontinentais. Após a guerra, a América (parafrazeando a Doutrina Monroe) seria realmente para os americanos”.<sup>78</sup>

O Rio Grande do Norte teve um lugar de destaque no esforço de guerra incumbido ao Brasil. Através do patrulhamento da costa marítima ou com o apoio aos americanos que se instalaram na base aérea de Parnamirim, a participação norte-riograndense mereceu destaque.

A utilização, pelas forças norte-americanas, das bases aeronavais de Natal e Recife representou valiosa cooperação, não só para o desembarque dos Aliados na África do Norte, ainda em 1942, como para o desenvolvimento das operações nessa região e a neutralização do poder ofensivo das forças navais do Eixo no Atlântico Sul, durante o resto do conflito.<sup>79</sup>

A participação do Rio Grande do Norte compreendeu, também, o envio de combatentes potiguares para compor as fileiras da FEB, convocados para combater na Itália.

A cooperação com as armas aliadas custou muito ao Brasil. “Cálculos gerais estimam os gastos de guerra em 12 bilhões de cruzeiros, 2 milhões de esterlinos e 2 milhões de marcos alemães das encomendas não entregues”.<sup>80</sup> Além de custos financeiros, também se contabilizam as perdas humanas, as quais corresponderam a 454 brasileiros mortos nos combates na Itália.

A Segunda Guerra Mundial abriu caminho para uma nova organização dos países, com a expansão do regime socialista, principalmente no leste europeu e a crescente

<sup>78</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. A América vai à guerra. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org). *Segunda Guerra Mundial*. p. 193.

<sup>79</sup> CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Primor, v. 2, cap. 23. p. 772.

<sup>80</sup> CALMON, Pedro. *História do Brasil*. v. 6, p. 2332.

onda de hostilidade entre dois países aliados Estados Unidos e União Soviética, o que resultou na Guerra Fria.

As conseqüências desta guerra se fizeram presentes durante muitos anos, nos países que a viram de perto e, assim como na Primeira Guerra Mundial, os países beligerantes saíram exaustos e enfraquecidos, a não ser os Estados Unidos, que saíram das duas guerras incólumes e enriquecidos.

**BIBLIOGRAFIA**

CALMON, Pedro. **História do Brasil: século XX**. Rio de Janeiro: Olympio, 1981. v. 6: A República e o desenvolvimento nacional.

CARTIER, Raymond. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Primor. v. 2: 1942-1945.

COGGIOLA, Osvaldo (Org). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã USP. 1995 (Série Eventos).

COSTA, Octávio. **Cinquenta anos depois da volta**. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

FALCÃO, João. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARQUES, Adhemar. BERUTTI, Flávio. FARIA, Ricardo. **História contemporânea através dos textos**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Textos e documentos, v. 5).

MATTOSO, Katia M. de Queirós (Org). **Textos e documentos para o estudo da história contemporânea: 1789-1963**. São Paulo: Hucitec, USP, 1977.

MENDES Jr. Antônio. MARANHÃO, Ricardo (Org). **Brasil História: texto e consulta**. São Paulo: Hucitec, 1989. v. 4: Era de Vargas.

RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. São Paulo: Cultrix, 2001.

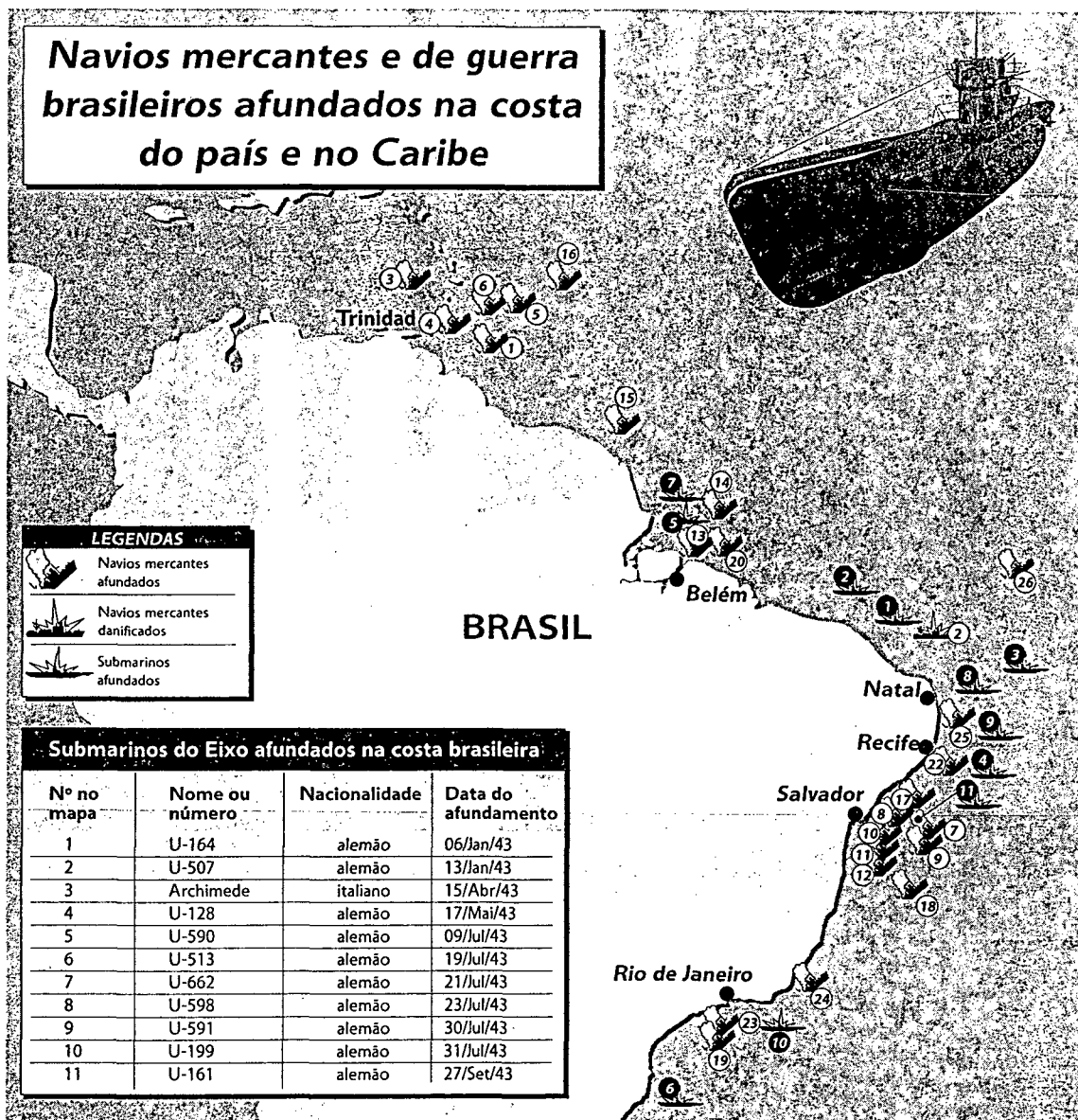
SIQUEIRA, Cleantho Homem de. **Guerreiros potiguares: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial**. Natal: EDUFRN, 2001.

**SMITH Jr. Clayde. Trampolim para a vitória. Natal: EDUFRN, 1992.**

# **ANEXOS**

# ANEXO 1

## Navios mercantes e de guerra brasileiros afundados na costa do país e no Caribe



**LEGENDAS**

- Navios mercantes afundados
- Navios mercantes danificados
- Submarinos afundados

**Submarinos do Eixo afundados na costa brasileira**

Nº no mapa	Nome ou número	Nacionalidade	Data do afundamento
1	U-164	alemão	06/Jan/43
2	U-507	alemão	13/Jan/43
3	Archimede	italiano	15/Abr/43
4	U-128	alemão	17/Mai/43
5	U-590	alemão	09/Jul/43
6	U-513	alemão	19/Jul/43
7	U-662	alemão	21/Jul/43
8	U-598	alemão	23/Jul/43
9	U-591	alemão	30/Jul/43
10	U-199	alemão	31/Jul/43
11	U-161	alemão	27/Set/43

Nº no mapa	Navio atacado	Tipo	Data do ataque/ naufrágio**	Nº no mapa	Navio atacado	Tipo	Data do ataque/ naufrágio**
1	Parnaíba	Cargueiro	01/Mai/42	14	Osório	Cargueiro	27/Set/42
2	Commandante Lyra*	Cargueiro	18/Mai/42	15	Antonico	Cargueiro	28/Set/42
3	Alegrete	Cargueiro	01/Jun/42	16	Apalóide	Cargueiro	22/Nov/42
4	Tamandaré	Cargueiro	26/Jul/42	17	Brasilóide	Cargueiro	18/Fev/43
5	Piave	Cargueiro	28/Jul/42	18	Afonso Pena	Cargueiro	02/Mar/43
6	Barbacena	Cargueiro	28/Jul/42	19	Tutóia	Cargueiro	01/Jul/43
7	Baependi	Cargueiro	15/Ago/42	20	Pelotaslóide	Cargueiro	04/Jul/43
8	Araraquara	Cargueiro	15/Ago/42	21	Bagé	Cargueiro	31/Jul/43
9	Anibal Benévolo	Cargueiro	16/Ago/42	22	Itapagé	Cargueiro	26/Set/43
10	Itagiba	Cargueiro	17/Ago/42	23	Campos	Cargueiro	23/Out/43
11	Arará	Cargueiro	17/Ago/42	24	Vital de Oliveira	Navio auxiliar	19/Jul/44
12	Jacira	Veleiro pequeno	19/Ago/42	25	Camaquã	Corveta	21/Jul/44***
13	Lajes	Cargueiro	27/Set/42	26	Bahia	Cruzador leve	04/Jul/45****

\* O Commandante Lyra foi apenas danificado.

\*\*Outros navios foram afundados longe do litoral sul-americano: Cabedelo (14/Fev/42, desapareceu sem sobreviventes depois de sair dos EUA), Buarque (16/Fev/42, ao largo do cabo Hatteras, EUA), Olinda (18/Fev/42, ao largo da Virgínia, EUA), Arabutan (07/Mar/42, ao largo do cabo Hatteras, EUA), Cairu (08/Mar/42, a 130 milhas de Nova York), Gonçalves Dias (24/Mai/42, ao sul do Haiti), Pedrinhas (26/Jun/42, a caminho de Nova York) e Porto Alegre (03/Nov/42, ao largo da África do Sul).

\*\*\* A corveta Camaquã emborcou devido ao mar agitado.

\*\*\*\* O cruzador Bahia afundou depois que cargas de profundidade foram atingidas acidentalmente durante exercício com canhões anti-aéreos.

Ilustração: Alexandre Argozino Neto





